

HORTA AGROECOLÓGICA – UMA EXPERIÊNCIA EDUCATIVA

Maria das Graças Porto Pires; Lúcia Gracia Ferreira, Anderson Alves Santos e
Marilanda Jesus de Lima.

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

E-mail: mgracappires@bol.com.br

Resumo: A horta ecologicamente correta é fruto de uma experiência vitoriosa ocorrida na zona rural do município de Itapetinga-BA. Essa experiência partiu da necessidade de proporcionar aos alunos aprendizagem e conhecimentos sobre meio ambiente. Assim, esse projeto foi criado e, posteriormente executado. A partir de uma abordagem qualitativa esse projeto foi executado levando os alunos, através das ações práticas, a conhecer a importância de uma horta agroecológica para o meio ambiente e a nossa saúde. Essa experiência possibilitou a inclusão social, a interação entre os alunos e o conhecimento mais amplo do contexto onde vivem.

Palavras-chave: horta, conhecimento, aprendizagem.

Abstract: The marked-garden ecologically correct is fruit of an experience victorious it happened in the rural zone of the borough of Itapetinga-BA. That experience of the need of providing to the students learning and knowledge on environment thus the project was created and, later on executed. Starting from a an approach qualitative that project was executed taking the students, through the actions practical, to know the importance of a marked-garden ecologically for the environment and the our health. That experience enable the inclusion social and the interaction among the students and the widest knowledge of the context where live.

Keyword: market garden, knowledge, learning.

Numa escola rural desenvolviam-se projetos relacionados ao Meio Ambiente, a partir do programa Despertar do SENAR-BA. Assim, percebia-se, através de relatos dos alunos uma ausência de hortas em suas casas apesar de morarem na Zona Rural. Também se percebeu que as famílias da zona rural que tinham hortas em casa usavam agrotóxico para combater as pragas que aparecem nas hortaliças. Tal inquietude levou-nos ao desenvolvimento de um projeto visando mostrar aos alunos que seria possível cultivar uma horta e produzir hortaliças em um pequeno pedaço de terra sem o uso de agrotóxicos.

O trabalho foi desenvolvido em 2005 a partir de uma abordagem qualitativa por um período de quatro meses no turno vespertino e teve como campo de atuação a Escola Municipal Rural Antônio Clarindo, situada na Fazenda Goitacaz no município de Itapetinga-BA. Teve como sujeitos de aprendizagem os alunos da 1ª e 2ª séries (classe multisseriada).

Para efetivação dessa horta foi traçado o seguinte objetivo: compreender a importância da água e do solo como condição de sobrevivência e qualidade de vida, estimulando a prática de atitudes ambientais sustentáveis. Buscando conhecer detalhadamente essa problemática, foram traçados os seguintes objetivos específicos: identificar os principais métodos usados para o cuidado de uma horta; perceber a relação feita com o solo e a água; analisar a relação do homem com o

meio ambiente; conhecer os processos de cuidados com o solo; comparar os tipos de solo; mostrar que as hortaliças podem ser cultivadas sem uso de agrotóxicos; mostrar a utilidade das plantas; conhecer os diferentes tipos de plantas; mostrar a importância das plantas para a saúde do homem.

A partir das práticas realizadas observou-se que houve uma grande interação dos alunos com a professora, onde, a partir das ações práticas, se identificaram com a forma como foram trabalhados os conteúdos na sala de aula.

Assim, foram introduzidas também práticas de leitura e de escrita entre os grupos não alfabetizados, promovendo a circulação de uma diversidade de textos, folhetos documentos e, proporcionando conversas sobre como construir uma horta, os meios e as ferramentas que poderiam ser utilizadas para alcançar os objetivos.

Os alunos expuseram várias idéias, ferramentas mudas de plantas e sementes para o início da horta. Assim, fez-se um mutirão para buscar o adubo a ser utilizado na horta e iniciou-se o preparo da terra. A proposta da construção da horta já não era nenhuma novidade. Os alunos entenderam que era preciso trabalhar em equipe e que o solo necessita ser preparado para que a semente pudesse brotar.

A professora socializou as informações que os alunos trouxeram e progressivamente criou as condições necessárias para que os mesmos assumissem a construção da horta. Um dos alunos da 1ª série (portador de necessidades especiais) assumiu a liderança e passou a orientar os colegas, isto porque ele já tinha experiência adquirida em trabalhos com hortas na escola que estudou anteriormente (APAE- Associação de Pais e Amigos Excepcionais). Percebemos que houve uma grande interação entre os alunos da classe e esse aluno (portador de necessidades especiais), interação que antes não havia.

A horta tomou um impulso na sala de aula que através dela trabalhamos vários conteúdos curriculares sem a preocupação específica de os denominar. Assim, as aulas serviram para proporcionar um ensino capaz de promover a aprendizagem e ajudar os alunos no processo de construção do conhecimento.

Para efeitos didáticos, estudamos os nomes de todas as hortaliças que iam nascendo. Dividimos a sala em grupos e todos cuidavam da horta por um período de uma semana, tendo que trazer todas as informações das transformações que as hortaliças iam passando e das pragas que surgiam. Junto com a turma, a professora buscava a solução para a execução das pragas. Isto focaliza a oralidade das crianças e a turma revelava histórias que eles viviam na prática e suas experiências eram passadas para o grupo. Assim, a sala de aula transformava-se em um espaço de discussão.

Quando surgiu, na horta, algumas pragas como as lagartas, buscamos a solução, explicando para os alunos que o controle não podia ser com veneno, pois poderiam causar danos ao solo e a saúde das pessoas que iriam consumir as hortaliças. Todos deveriam pesquisar uma forma de combater as lagartas. Na pesquisa descobrimos um insumo natural, fumo e pimenta misturados com água e que deveria se borrifado nas plantas. Foi um sucesso, aprendemos na prática que um produto natural pode combater as pragas, fazendo bem para as plantas e a saúde dos seres humanos.

Buscamos fazer com que os alunos entendessem que a agricultura depende muito mais dos fatores naturais que a indústria, pois depende do comportamento do clima, do solo e de sua fertilidade, da disponibilidade de água e do cuidado que temos com as plantas. Fizemos algumas rotações de hortaliças para que o solo produzisse ecossistemas naturais. Plantamos algumas mudas de tomates

em outro local com o solo mais seco e onde recebesse pouca luminosidade, os alunos puderam avaliar os dois processos e as diferenças de cada um.

Na horta também havia uma mistura de hortaliças com plantas medicinais. Isso foi feito com o objetivo de mostrar aos alunos que nos ecossistemas naturais não existem arranjos regulares de distribuição de plantas e que muitas espécies se desenvolvem juntas, misturadas, pois assim fica mais difícil para as pragas e doenças fazerem delas as suas “vítimas”.

A colheita era feita nas sextas-feiras e os alunos que trabalharam durante a semana, na horta, tinha o direito de levar para casa algumas hortaliças. Essas hortaliças também eram usadas para fazer a merenda escolar. Descobrimos que tinham crianças que nunca haviam experimentado algumas hortaliças como a beterraba, por exemplo.

Enquanto trabalhávamos com a horta pudemos perceber que grandes avanços foram incorporados na prática de sala de aula: que o respeito à evolução da escrita e a produção textual livre dos alunos se concretiza em uma nova forma de se promover a aprendizagem. Assim, propiciamos aos estudantes as condições necessárias para exercitar e executar um conhecimento sistemático da questão ambiental, aproximando-os mais da realidade em que vivem.

Apesar dos pais estarem preocupados com os conteúdos, eles entenderam que seus filhos estavam vivenciando situações importantes e prazerosas para suas vidas e por isso passaram a participar das atividades da horta, orientando seus filhos nas pesquisas e emprestando as ferramentas necessárias para o manejo da horta.

Na avaliação desse processo de aprendizagem foi buscamos o tempo todo alcançar os objetivos propostos, levando o aluno a entender a importância da preservação do meio ambiente, dos cuidados com o solo, da importância da água para as plantas e de como combater as pragas sem uso de agrotóxicos. Isto se deu através dos problemas surgidos durante esse processo e das observações feitas pelos próprios alunos no cuidado com a horta. O aprendizado se deu por etapas, respeitando-se o estágio de desenvolvimento das hortaliças. Para isso foram introduzidos os conceitos e atividades adequadas ao nível que os alunos se encontravam.

O PCN de Meio Ambiente (1998, 47-48) diz que o trabalho de Educação Ambiental deve ser desenvolvido a fim de ajudar os alunos a construírem uma consciência global das questões relativas ao meio para que possam assumir posições afinadas com valores referentes à sua proteção e melhoria, e que para isso é importante que possam atribuir significado àquilo que aprendem sobre a questão ambiental e este significado é resultado da ligação que o aluno estabelece entre o que aprende na sala de aula e a sua realidade cotidiana, da possibilidade de estabelecer ligações entre o que aprende e o que já conhece, e também da possibilidade de utilizar o conhecimento adquirido em diversas situações.

A professora dessa classe conseguiu fazer o que Burnier (2001, p. 51) chama a atenção:

O professor também deve estar atento para a necessidade de envolver o aluno com as diferentes atividades educativas propostas para a sua formação, de maneira que todos os alunos percebam com clareza o porque de se estar realizando cada tarefa/atividade.

Uma das principais características por nós encontrada no desenvolvimento desse projeto foi à complexidade com que os educandos utilizam a linguagem oral

trazendo para a escola o seu mundo nas suas falas, ocupando na constituição de uma memória coletiva e da identidade do seu cotidiano. Há, portanto, na fala desses alunos, uma separação daquilo que são as práticas que vivenciam na sala de aula e das práticas que eles vivem no seu dia-a-dia.

A aprendizagem, entendida como construção de conhecimento, pressupõe entender tanto sua dimensão como produto quanto sua dimensão como processo, isto é, o caminho pelo qual os alunos elaboram pessoalmente os conhecimentos. Assim, ao aprender, o que muda não é apenas a quantidade de informação que o aluno possui sobre um determinado tema, mas também a sua competência (aquilo que é capaz de fazer, de pensar, de compreender), a qualidade do conhecimento que possui e as possibilidades pessoais de continuar aprendendo. Burnier (2001, p. 50) diz que:

Há vários caminhos para se construir a necessidade de aprendizagem no aluno e é preciso que a cada objetivo a alcançar se dê o tempo e as oportunidades necessárias para que o aluno compreenda com total clareza a sua importância e como aqueles conhecimentos se articulam com outros saberes e com processos da vida real. Para que ele efetivamente aprenda, é fundamental que se crie a necessidade de aprendizagem que será a força propulsora da mobilização das energias intelectuais e emocionais do aluno no processo de construção do seu conhecimento.

Nessa perspectiva, é óbvia a importância de ensinar o aluno a aprender e de ajudá-lo a compreender que quando aprende não deve se levar em conta apenas o conteúdo como objeto de aprendizagem, mas também a forma como se organiza e como se atua para aprender. Isto foi de suma importância para a adquirirmos novos conhecimentos na prática pedagógica, pois entendemos que esses alunos aprenderam muito mais quando a aprendizagem que estava sendo proposta passaram a ter significado para eles. Entendemos que havia uma distância entre o que era ensinado para os alunos e o que eles experimentam em seu contexto social (fora da sala de aula).

Foi muito gratificante ver o desenvolvimento dos alunos da classe e a interação do aluno portador de necessidades especiais. Tivemos a oportunidade de descobrir nesse aluno seus talentos e ver sua satisfação em ser útil e se sentir parte da turma. Através do desenvolvimento deste projeto os alunos entenderam que são capazes de construir hortas em suas casas.

Na intenção de compreender os caminhos percorridos (ou perdidos) para a transformação da escolarização e, analisando especificamente o recorte investigado neste trabalho, somos levados a considerar que esse trabalho foi de grande importância para as atividades relacionadas ao meio ambiente e para a construção de uma prática pedagógica mais significativa.

É importante ressaltar que todas as atividades propostas aqui devem ser repensadas segundo as especificidades de cada aluno, com as necessárias adequações à realidade de cada um, acréscimos e adaptações de atividades e materiais. O que pretendíamos também era propiciar aos estudantes as condições necessárias para exercitar um conhecimento sistemático da questão ambiental, aproximando-os mais da realidade em que vivem. Assim, essa horta agroecológica mais que uma experiência exitosa foi uma experiência educativa.

Referências

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais:** Meio Ambiente/Saúde. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: A Secretaria, 1998.

BURNIER, S. Pedagogia das competências: conteúdos e métodos. In: Boletim Técnico do SENAC. Rio de Janeiro, vol. 27, nº 1, set/dez, 2001. pp. 48-60. Disponível em: **www.senac.br/informativo/bts/273/boltec273e.htm**. Acessado em 23/04/2007.